

A LINGUAGEM NEUTRA NO MEIO DIGITAL: PERSPECTIVAS PARA UMA ANÁLISE DIALÓGICA

GENDER-NEUTRAL LANGUAGE IN DIGITAL MEDIA: PERSPECTIVES FOR A DIALOGIC ANALYSIS

Erick Sousa Lima¹

Universidade Federal de Goiás

Marco Antonio Almeida Ruiz²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Este artigo objetiva analisar as polêmicas travadas em torno da chamada linguagem neutra de gênero nas redes sociais X e Instagram. Como aporte teórico-metodológico, elegemos a Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2006a; 2006b), cotejando os trabalhos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1993; 2016a; 2016b; Volóchinov, 2017; 2019a; 2019b). Queremos, com isso, apreender as possíveis *relações dialógicas de sentido* na cadeia de enunciados presentes a partir de uma reportagem jornalística, em ambientes virtuais distintos, que contemplam a ironia como recurso linguístico para a produção de sentidos. Complementam a discussão teórica do trabalho os apontamentos feitos por Brait (2008) sobre a ironia enquanto procedimento discurso. A partir da análise do *corpus*, composto por comentários e postagens nas redes, compreendemos como a ironia é constantemente mobilizada nesses espaços como forma de argumento e ataque contra à linguagem neutra e, principalmente, àqueles que a utilizam, em que se reforçam concepções socialmente enraizadas acerca de gênero e língua.

Palavras-chave: Discurso; Ironia; Linguagem neutra; Redes sociais; Relações Dialógicas.

Abstract: This article aims to analyze the controversies surrounding so-called gender-neutral language on the social media platforms X and Instagram. As our theoretical and methodological framework, we adopt Dialogic Discourse Analysis (Brait, 2006a; 2006b), in dialogue with the works of the Bakhtin Circle (Bakhtin, 1993; 2016a; 2016b; Volóchinov, 2017; 2019a; 2019b). Our objective is to grasp the possible dialogic meaning relations in the chain of utterances stemming from a journalistic report, as they circulate across distinct virtual environments, where irony emerges as a linguistic resource for meaning making. The theoretical discussion is further supported by Brait's (2008) reflections on irony as a discursive procedure. Based on the analysis

¹ Discente do curso de Letras: Português na Universidade Federal de Goiás. Foi bolsista do CNPq na modalidade de iniciação científica (2023-2024). Em 2024, foi contemplado com bolsa do Programa Institucional de Iniciação à Docência, o PIBID/UFG. E-mail: erick2345@discente.ufg.br.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris. Professor de Linguística na Universidade Federal de Goiás (UFG) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL/UFG). E-mail: marcoalmeida@ufg.br.

of a corpus composed of comments and posts on social media, we observe how irony is frequently mobilized in these spaces as both an argumentative strategy and a form of attack against gender-neutral language and, more significantly, against its users, thereby reinforcing socially ingrained conceptions of gender and language.

Keywords: Discourse; Irony; Gender-neutral language; Social media; Dialogic relations.

Texto de autor convidado.

Introdução

As redes sociais tornaram-se progressivamente parte integrante da vida social dos sujeitos na contemporaneidade, constituindo-se, assim, como um dos principais meios de comunicação. Como resultado, tal fato pressupõe, por um lado, novas formas de interação, a criação de novas (des)identidades capazes de (re)interpretar a vida social de cada um por meio dos diferentes tipos de materiais – sejam eles compostos por memes, videomontagens, sejam, também, produções sincréticas ou multimodais – que ressignificam o processo de constituição humana diante da “tecnologização discursiva”. Por outro, porém, tais modos implicam no surgimento de problemáticas envolvendo esse espaço do digital, proporcionando (des)informações que afetam (in)diretamente os sentidos e a história dos sujeitos que estão implicados nesse contínuo e complexo processo de linguagem, tais como o *cyberbullying*, as *fake news*, os discursos de ódio, o “cancelamento” e o *stalking*, evidenciando novas dimensões e novos desafios éticos.

É nesse jogo interdiscursivo e dialógico que observamos a criação de simulacros discursivos que se colocam nesse panorama e produzem novas instâncias do dizer, novos espaços enunciativos que possibilitam-nos questionar os efeitos pré-determinados historicamente a partir das novas posições discursivas que palavras, frases e textos, de modo geral, criam nesse jogo verbo-visual. Nesse sentido, as redes sociais, especialmente o Instagram e X (antigo Twitter), caracterizam-se por utilizarem uma série de elementos/recursos multissemióticos/multimodais, tais como *posts*, vídeos de curta ou longa duração (como os chamados *reels* ou *stories*), fotos, *emojis*, *memes*, *GIFs*, legendas, figurinhas (*stickers*) etc. São novos mecanismos de informação que entram nesse imenso repertório do digital e que trazem, a todo instante, novas ferramentas que modificam essas diferentes instâncias discursivas, proporcionando um jogo comunicacional mais dinâmico e interativo com um mundo globalizado. Logo, caso não sejamos adeptos a essas novas

materialidades, estaremos “fora” dessa modificação enunciativa que exige cada vez mais técnicas diversas para compreendermos seu funcionamento e suas novas funções – curtir (ou *likes*), compartilhar, seguir, *retweetar*, reagir, comentar, taguear etc. – que colocam esse mesmo sujeito, constituído por certos estigmas e valores sócio-históricos e ideológicos, a ocuparem novas posições na figura e no papel de usuários.

Com efeito, diante dessa iminente modificação do contemporâneo, em que as informações surgem de maneira ininterrupta e imediata, a temática da linguagem neutra irrompe com singular destaque nesses espaços digitais como uma forma de questionar “lugares” de disputa e resistência em prol de estereótipos de uma língua estática, sem mudança ou que reflita, minimamente, valores elitistas que promovem a separação dos povos e fomenta, cada vez mais, o preconceito e o ódio à culturas diversas, uma vez que elas não ocupariam esse “espaço” delimitado e separatista dominando pelos “protetores da gramática normativa”. Tal movimento de resistência, em especial no uso da língua no/pelo digital, divide opiniões entre usuários porque tratá-la no âmbito das redes envolve, necessariamente, retomar questões altamente polêmicas numa sociedade brasileira estritamente machista e misógina, com sua história atrelada a certos estigmas academicistas e religiosos, opondo língua e cultura a sexo biológico quando tratamos da constituição de gêneros.

Como consequência desse jogo polarizado entre o que é o “certo”, de um lado para uma sociedade conservadora, e o que é “errado”, para movimentos de resistência, quem “perde” nessa arena de discursos é sempre o sujeito historicamente marginalizado, camadas da sociedade que há anos vêm lutando em defesa da igualdade de direitos e da constituição da diversidade, sobretudo se abordarmos o modo linguageiro de sujeitos não-binários e a comunidade LGBTQIAPN+, que resistem a esses modos imperialistas e ultraconservadores no processo de comunicação. Não se trata, pois, de radicalizar a língua a bel prazer, mas de torná-la um pouco mais integrativa e inclusiva diante dessas várias mudanças sociais empregadas quando observamos o funcionamento do discurso no/pelo digital.

É diante dessas questões que noções como gênero (ou formas de ‘identidades de gênero’, além de uma estrutura binária) emergem diante da realidade da língua portuguesa no Brasil, especialmente diante das inquietações de movimentos que resistem à dominação da língua de prestígio, como “única” e “verdadeira”. Em outras palavras, neste

artigo queremos problematizar a linguagem neutra ou a linguagem não-binária, que diz respeito às mudanças no nível morfossintático da língua, principalmente o chamado *masculino genérico* prescrito da gramática do português brasileiro. Sua existência está diretamente ligada às demandas de grupos identitários, como o movimento feminista ou LGBTQIAN+, especialmente pessoas não-binárias, que veem nele uma forma de resistência e visibilidade ante ao preconceito enraizado nesse âmbito linguístico.

A discussão da linguagem neutra, apesar de recente, remete a um longo histórico de discussões sobre o papel da língua na construção de imaginários sexistas e machistas³. No entanto, seu uso é muitas vezes alvo de uma “forte reação negativa e prescritiva contrárias às formas emergentes” (Freitag, 2024, p. 112). Essa reação contrária é especialmente observada nos comentários sobre linguagem neutra nas redes sociais, onde aqueles que se posicionam contra seu uso constantemente recorrem ao recurso da *ironia* como forma de negar e argumentar contra um discurso inclusivo, a favor da linguagem neutra.

Neste trabalho propomos observar a emergência da linguagem neutra ou linguagem não-binária nesses espaços digitais, como forma de produzir diferentes sentidos, sobretudo humorísticos, reproduzindo uma certa história de “prestígio” e de um já-dito marcadamente preconceituoso e separatista. Elegemos, enquanto apporte teórico-metodológico, a Análise Dialógica do Discurso Dialógica, calcada nas reflexões do Círculo de Bakhtin (1993; 2016a; 2016b; Volóchinov, 2017; 2019a; 2019b), o que nos permite estabelecer *relações dialógicas de sentido* entre os enunciados analisados. Baseamo-nos, ainda, nas discussões acerca da ironia empreendidas por Brait (2008) acerca da verbo-visualidade, contribuindo para o fortalecimento dessa teoria brasileira de discurso.

Em suma, como objetivos buscamos analisar como *corpus* de trabalho publicações feitas tanto no Instagram quanto no X, de modo que comreenderemos o

³ Como aponta Freitag (2024), na recente obra *Não existe linguagem neutra!*, movimentos por uma linguagem não sexista ou pela linguagem inclusiva já existem a bastante tempo, presentes em manuais (a exemplo do *Manual para uso não sexista da linguagem*, elaborado pelo governo do Rio Grande do Sul em 2014), guias ou até projetos de lei, como o caso do PL 4.610/2001, de Iara Bernardi, ou ainda do PL 6.653/2009, de Alice Portugal. A linguagem não sexista refere-se a não marcação do masculino genérico por recursos como o uso de hiperônimos ou de substantivos com efeito de “coletividade sem especificar o gênero” (Freitag, 2024, p. 91); já a linguagem inclusiva diz respeito à marcação de ambos os gêneros, masculino e feminino, por meio de sintagmas coordenados.

funcionamento da linguagem neutra nesses espaços digitais. Além disso, buscamos problematizar quais são os efeitos de sentidos possíveis – e se há certa(s) regularidade(s) – que irrompem diante desse conjunto diverso de materiais (memes, vídeos curtos ou *reels, publis*, por exemplo) que a colocam nesse espaço de resistência cada vez mais forte e importante, deslocando os valores de uma língua de prestígio e trazendo para uma realidade cada vez mais plural e singular como o Brasil.

Nesses excertos, faremos uma observação sobre o uso da ironia para a negação e o escárnio como recurso da própria língua, como forma de separar seu próprio povo. Ademais, tais recursos linguísticos, ligados a estruturas, que retomam tal “valor eufórico” da língua culta, permitem-nos questionar o papel dos sujeitos nesses diferentes espaços digitais, corroborando (ou não!) em estereótipos de uma norma padrão, cujo ponto principal é moldar uma sociedade que é constitutivamente formada pela diversidade (cultural, linguística, entre outros).

1. A ironia no funcionamento da linguagem “neutra” em rede: caminhos teórico-metodológicos

Para o Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 1993; 2016a; 2016b; Volóchinov, 2017; 2019a; 2019b), a língua(gem) é essencialmente *dialógica* e heterogênea, isto é, seu uso é real e efetivo na sua forma de *discurso*, responsável por retomar as palavras e os dizeres dos outros a partir de condições de produção distintas. Tal comunicação ocorre por meio de *enunciados concretos*, concebidos nessa teoria enquanto um todo de sentido *histórico, social e ideologicamente* situado, que lhe conferem um caráter único e *irrepetível*. Dessa forma, o enunciado é pensado não apenas em seu aspecto imanentemente linguístico, mas também por meio daquilo que o circunda: seu “contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos sujeitos etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante” (Brait, 2018, p. 67).

Assim, todo enunciado, além de suscitar uma resposta, é, também, sempre uma resposta a enunciados anteriores, isto é, sua estrutura é atravessada por “milhares de fios dialógicos”, sendo um “participante ativo do diálogo social” (Bakhtin, 1993, p. 86). Para tal, vale ressaltar a importância do enunciado na perspectiva bakhtiniana, uma vez que ele não se restringe apenas à linguagem verbal, mas mobiliza diferentes formas de

semioses, sejam elas visual, verbal ou sincréticas, nesse processo de comunicação. Como destaca Brait (2013), os estudos feitos pelo Círculo de Bakhtin representam uma teoria da linguagem em geral, não apenas em sua forma verbal.

É por meio dessa concepção de linguagem que Bakhtin (2013, p. 209) estabelece a necessidade de uma disciplina que, partindo das contribuições oferecidas pela linguística acerca do estudo da língua, pense a incorporação desses elementos pelo *discurso* (os sujeitos, a interação, o aspecto histórico-ideológico). Dito de outro modo, é a partir do sujeito inscrito numa certa condição de emergência de dizeres que vemos a sua constituição histórica, social e ideológica inscreverem-se nesses discursos, colocando-o como um agente ativo-responsivo numa determinada situação do dizer.

O autor nomeia esse campo como *Metalinguística*, definindo como seu objeto de estudo as *relações dialógicas* de sentido. As relações dialógicas não existem entre as unidades da língua, ao contrário, elas fazem parte do *discurso*, materializado pelos diferentes enunciados que circulam numa arena discursiva, e que produzem como fatores inerentes a autoridade, o outro no discurso do ‘eu’. Como o autor detalha em *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (2016b), as relações dialógicas

são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem a meramente linguísticas (sintático-composicionais). Elas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso [...]. As relações dialógicas são relações (de sentidos) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados no plano do sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (Bakhtin, 2016b, p. 91-92).

Ao perscrutar a noção de *Metalinguística* discutida por Bakhtin, Brait (2006a; 2006b) aponta para a possibilidade de uma *Análise Dialógica do Discurso*, base teórica-metodológica que fundamenta suas reflexões acerca do papel da ironia como uma perspectiva polifônica, e cujo objetivo principal é apreender as *relações dialógicas* possíveis em uma cadeia de enunciados. Para tal, a Análise Dialógica do Discurso contempla a materialidade linguística em sua relação com o *extralingüístico*, em um trabalho inseparável de *descrição, análise e interpretação*, como destacam Destri e Marchezan (2021).

No momento de descrição, ocorre o primeiro contato com a materialidade do enunciado, com enfoque na sua estrutura lexical, na situação comunicacional que o cerca,

em seu espaço-tempo, nas valorações que ele desperta, observando, ainda, os gêneros discursivos dos quais eles fazem parte e sua participação nas esferas⁴ de produção, circulação e recepção (Brait, 2006a). No trabalho de análise, a partir da dimensão intrinsecamente dialógica do enunciado, buscamos reconstituir a cadeia discursiva do qual ele faz parte, realizando o cotejo (Geraldi, 2012) do enunciado com outros enunciados. Por fim, na tarefa de interpretação é quando se chega aos aspectos repetíveis e irrepetíveis do enunciado, ou seja, aquilo que nele se mantém e o “inusitado de sua forma de ser discursivamente” (Brait, 2006a, p.14).

Quanto à *ironia*, esta representa um espaço privilegiado para observação do caráter dialógico do enunciado, sua responsividade e sua orientação social. Bakhtin (1993, p. 130) aponta que o discurso irônico se apresenta como um discurso bivocal, isto é, ele se manifesta em duas ou mais vozes discursivas, vindas de posições, linguagens e lugares sociais diversos. Brait (2008), na obra *Ironia em perspectiva polifônica*, parte dessa concepção bakhtiniana para pensar a ironia enquanto um tipo de:

[...] discurso que, por meio de mecanismos dialógicos, se oferece basicamente como argumentação direta e indiretamente estruturada, *como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva*. É possível, assim, abandonar a série caracterizada como a das figuras de linguagem, da frase de efeito que compõe um texto, e mesmo da comicidade, delineando-se o horizonte de uma outra perspectiva. Esta, concebendo a ironia como uma forma de discurso, pode compreender o humor, a paródia, a intertextualidade, a interdiscursividade e outros elementos elencados no universo anteriormente mencionado, como mecanismos que participam, ao mesmo tempo ou não, da estruturação de um discurso irônico, o que se oferecem como efeito de sentido provocado pela ironia. (Brait, 2008, p. 73-74, grifo nosso).

Nesse sentido, a ironia, nessa abordagem teórico-metodológica, é vista como uma estratégia de linguagem *intertextual* e *interdiscursiva* por natureza, um efeito de

⁴ O termo “esfera”, de acordo com Grillo (2006), é empregado na teoria bakhtiniana como “um nível específico de coerções que, sem considerar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segunda a lógica particular de cada esfera/campo” (Grillo, 2006, p. 143). As esferas de comunicação discursiva (ou de criação ideológica, de atividade humana ou da comunicação social) determinam seus tipos relativamente estáveis de enunciados, formando, assim, os *gêneros do discurso*, como aponta Bakhtin (2016a), que irão orientar a produção discursiva/enunciativa dos sujeitos inscritos naquela determinada esfera. Volóchinov (2019a), sobre a natureza dos gêneros, acrescenta ainda que cada tipo de comunicação social “organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, *sua estrutura típica*, que chamaremos adiante de gênero.” (Volóchinov, 2019, p. 269). Essa estrutura típica, como detalha Bakhtin (2016a), refere-se ao fato de todo gênero possuir um estilo, um conteúdo temático e uma construção composicional, sendo essas três características *socialmente orientadas*.

linguagem *polifônico* que mobiliza diferentes discursos, pleno de *tonalidades e relações dialógicas* (Bakhtin, 2016a) e que, portanto, não pode ser reduzido ao nível da frase. Para tal, como afirma Brait (2008, p.15-16), a ironia atua como indicadora de certos valores sociais, culturais e históricos, podendo ora promover a derrisão, que descaracteriza o outro por meio do tom irrisório, ora estabelecer estereótipos e preconceitos, enaltecedo uma certa padronização de valores que há tempos se impregna na história social de um povo. Em nosso caso, por exemplo, em que observamos a ironia como ferramenta de linguagem como recurso metalinguístico, ela molda o discurso do outro em prol de estigmas latentes de uma vertente ultraconservadora sobre o uso da linguagem neutra. Ao tratar isso no contexto escolar, por conseguinte, tal conservadorismo é tão exacerbado que acaba desconsiderando a própria diversidade cultural brasileira que compõe um cenário de língua cada vez mais elitista, separatista e preconceituoso.

Com efeito, como veremos a seguir, a ironia presente nas redes sociais para caracterizar o uso da linguagem “neutra” pertence a este último domínio: ela é mobilizada enquanto discurso de ataque, uma produção de si para descaracterizar a figura do outro, desestabilizando, a duras penas, o discurso da inclusão e, consequentemente, negar as raízes plurais da geografia brasileira, colocando sujeitos que utilizam esse recurso de resistência, o não-binarismo, como discriminados e marginalizados, como deturpadores da “tradição” da língua portuguesa.

A partir das leituras de Alain Berrendonner e Kerbrat-Orecchioni, Brait (2008, p.78) dá continuidade ao estudo ao abordar a dimensão *enunciativa* da ironia. O processo irônico coloca em cena seus co-enunciadores, tais como o locutor (enunciador) e o receptor (enunciatário), que se apoiam mutuamente para a construção do efeito de sentido irônico. Há, aí, um esquema actancial composto por um enunciador (A^1), que se dirige a um receptor (A^2) para falar de um terceiro actante (A^3), alvo dessa ironia. Logo, para a ironia realizar-se é preciso que o locutor indique “pistas”, sinalize seu interlocutor em relação ao enunciado irônico. Segundo a autora, a ironia funciona como uma espécie de *discurso reportado*, isto é, “ela [enunciação irônica] (E^1) enuncia um conteúdo que remete a uma outra enunciação (E^0), instaurada como primeira e passível de problematização.” (Brait, 2008, p. 118).

Assim, essa enunciação irônica é sempre uma resposta metadiscursiva de uma enunciação anterior, que ela rejeita, debocha ou nega. A resposta metadiscursiva é o

resultado para além da estrutura linguística, uma vez que a ironia não se fixa a sistema ou formas, mas ao contexto em que a língua, no seu espaço de enunciação, se porta, utilizando-se de seus próprios recursos do dizer sobre a língua para ressignificar o sentido na sua condição de emergência. Assim, vemos aqui, novamente, o aspecto *dialógico* do enunciado irônico, que se materializa, nessa perspectiva, como “um elo na cadeia de comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016a, p. 46-47).

O procedimento irônico comporta ainda uma dimensão *contextual*, que interfere diretamente na construção de sentidos. Em virtude disso, as referências contextuais servem como sinais enunciativos que indicam os sentidos atualizados no enunciado irônico. Nessa direção, Volóchinov (2019, p. 285) aponta esse aspecto contextual que circunda o enunciado, a exemplo do enunciado irônico, como uma “parte extraverbal”. Logo, para o estudioso,

Quase toda palavra da nossa língua pode ter várias significações a depender do *sentido geral* do todo do enunciado. O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva. Desse modo, é como se todo enunciado fosse formado de duas partes: uma *verbal* e outra *extraverbal*.” (Volóchinov, 2019a, p. 283, grifos do autor).

A partir do que Volóchinov (2019a) e Brait (2008) discutem, podemos caracterizar a ironia como um procedimento de linguagem contextualmente situado e metadiscursivo: é um tipo de enunciado que surge no entremeio entre aquilo que é verbalizado e o que se inscreve no subentendido, na situação concreta extraverbal, nas condições de enunciabilidade do discurso. Desse modo, a ironia e os sentidos vinculados por ela operam na fronteira entre o já-dito, o dito e o não dito, em um jogo de presença/ausência da metadiscursividade (Ruiz, 2019).

A *contradição*, por sua vez, entre sentidos opostos no nível da enunciação e do enunciado é uma marca central da ironia, ou seja, o enunciado irônico afirma aquilo que a enunciação nega, criando, com isso, uma *dupla leitura* e uma *ambiguidade* que o enunciatário deve ser capaz de apreender na sua relação com o não-dito. É nesse sentido que a ironia se apresenta a partir de múltiplos formatos de retomada desse já-dito, tais como “a citação explícita, a alusão direta, a paráfrase, a paródia, o trocadilho, o estereótipo, o clichê, o provérbio, o pastiche [...]” (Brait, 2008, p. 141).

Da ironia ao jogo metadiscursivo: uma breve reflexão acerca da linguagem neutra no/do discursivo digital

A partir das discussões anteriormente empreendidas, utilizaremos do *corpus* selecionado para verificarmos a produtividade dessa metodologia e, com isso, expandirmos as reflexões acerca desse campo discursivo no/do Brasil. Para a composição do *corpus*, partimos pela utilização do recurso de captura de tela (*print*) nas sessões de comentários das redes sociais *Instagram* e *X*, como forma de demonstrarmos e compreendermos que as discussões sobre a linguagem neutra são, de fato, amplamente problematizadas em diferentes ambientes digitais, o que possibilita, dessa maneira, a apreensão das *relações dialógicas de sentido* entre postagens inscritas em espaços e tempos diferentes.

Nessa perspectiva dialógica, os comentários já são os já-ditos que reverberam dentro desse espaço multifacetado da língua em discurso, como processo de comunicação. Como as redes sociais se apoiam em composições multimodais, constantemente a junção entre linguagem verbal e visual se faz constitutiva para a construção dos sentidos (Brait, 2013), uma vez que essa formulação ocorre a partir das diversas inscrições dos sujeitos em diferentes espaços de enunciação.

No *Instagram*, usamos o recurso de pesquisa por *Hashtags*, com a *tag* *#linguagemneutra*, que reúne, até o momento⁵, mais de 5.000 publicações em diferentes perfis, o que, a nosso ver, já demonstra uma temática que assume contornos significativos nessa comunidade virtual, com ampla visibilidade e polêmicas nessa arena discursiva. Para nossa análise, partimos para as publicações em formato de *Reels*, presentes no perfil da revista brasileira e de grande circulação nacional, *Uol*, e que noticia a demissão de uma professora que comentou acerca da linguagem neutra em sala de aula, na cidade de Videira, em Santa Catarina. Vejamos a seguir:

⁵ Dados coletados em maio de 2024.

Figura 1. *Reels* do Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CxvjsoulXt/?igsh=MTd3YzBsY2dhdHVibw==>.

Acesso em: 24 maio 2024.

Inicialmente, cabe retomarmos algumas das *condições concretas* que circundam esse evento e esse enunciado em específico. A temática da linguagem neutra vem ganhando proporções cada vez maiores, saindo dos espaços virtuais, onde era majoritariamente discutida, e constituindo-se em outras esferas da atividade humana, por exemplo, *legislativas*. Em outras palavras, a polêmica é instaurada a partir do momento em que uma discussão de diversidade e resistência adquirem contornos outros que passam a criar projetos de leis que proíbem essa forma de utilização em um contexto escolar.

A problemática aí instaurada não se refere apenas a ensinar um tipo de variante que surge na língua como mote de resistência, mas remonta a um conjunto histórico de medidas e ações de controle da língua e de seus usuários, imposto por camadas dominantes da sociedade. Tais medidas extrapolam o sistema propriamente linguístico e materializam os interesses da classe dominante, como demonstram as diferentes políticas linguísticas criadas no Brasil, a exemplo do Diretório dos Índios elaborado no governo de Marquês de Pombal para controle e homogeneização da cultura indígena no Brasil Colônia.

Assim, o preconceito ultrapassa o limite estrutural e adquire um caráter metadiscursivo, que viola não só valores ultraconservadores ditos inquestionáveis, a fim de posições ideológicas que não aceitam a irrupção de diferenças e culturas díspares. A punição, como vimos no caso anterior, é apenas uma ferramenta implementada desse jogo discursivo entre um modelo de dominação e de dominado, calcando na própria língua a história refratada por discursos ditos por outros em instâncias discursivas diferentes. O ato de responder a esses valores arcaicos é, conforme Volóchinov (2017), instaurar uma arena de embates ideológicos que representam um ato responsivo por dizer e resistir do outro numa relação de polêmica. Em outras palavras, trata-se de observarmos a singularidade – e não como um ato ‘único’, individual – diante da possibilidade da “religação entre cultura e vida, entre consciência cultural e consciência viva” (Ponzio, 2010, p.25) que o linguista russo questiona essa unidade como uma ordem abstratamente sistemática, pelo contrário, ele mostra-nos que é um componente vivo, na sua totalidade como ato de resposta que é verdadeiramente real, que vem a ser, existe e se realiza numa certa enunciação.

Quando presente no contexto escolar, a linguagem neutra é cercada por duas posições antagônicas: i) aquela que a classifica como agenda “ideológica” de um grupo “militante”, representando uma “violação” do ensino da norma culta do português e; ii) aquela que acredita que seu uso representa o crescente protagonismo de certos movimentos sociais, cujo efeito manifesta-se no âmbito da língua, o que reflete o papel constitutivo dessa na construção de identidades⁶. A título de exemplificação, podemos mencionar os inúmeros projetos de lei pelo Brasil que visam proibir o uso da linguagem neutra, cuja aplicação situa-se principalmente no espaço escolar, além de casos concretos, como o ocorrido no Colégio Pedro II, uma escola pública no Rio de Janeiro, que tornou alvo de discussões após o uso da expressão neutra “alunxs” em uma prova da instituição⁷.

Quanto às esferas de produção e circulação do qual esse enunciado faz parte, convém retomarmos alguns aspectos gerais relacionados à empresa *Uol*, responsável pelo

⁶ Sobre esse assunto, sugerimos a leitura dos textos “Projetos de lei contrários a linguagem ‘neutra’ no Brasil” e “A linguagem neutra e o ensino de língua portuguesa na escola”, de autoria, respectivamente, de Fábio Ramos Barbosa Filho e Samuel Gomes de Oliveira, presentes na obra *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate* (2022).

⁷ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/professores-do-pedro-ii-adotam-termo-alunxs-para-se-referir-estudantes-sem-definir-genero-17564795>. Acesso em: 17 nov. 2024.

perfil do Instagram onde ocorreu essa publicação. A *Uol*, considerada como uma grande rede da esfera *jornalística* brasileira, é um dos primeiros canais/veículos de comunicação exclusivamente digitais que surge com o advento da *internet*, em 1996, de acordo com informações do próprio site da empresa⁸. O conteúdo veiculado pela *Uol*, tal como ocorre nos jornais e mídias tradicionais, é voltado para diferentes assuntos e temáticas, como cultura, esporte, saúde e política. Com o decorrer do tempo, a empresa, envolta numa lógica mercadológica e de empreendedorismo, criou plataformas como *PagSeguro*, voltada para pagamentos *online*, e *UOL Host*, que é dedicada à divulgação de empresas e serviços de negócios digitais.

Por conseguinte, com o crescimento do uso e da influência das redes sociais nos últimos anos, a empresa, assim como outros jornais tradicionais, migrou para novas plataformas, tornando redes sociais, como X e Instagram e em espaços de divulgação de notícia, o que reflete uma mudança na forma de produção e circulação de enunciados e, consequentemente, novos tipos de recepção. Com isso, o público que consome o conteúdo da plataforma não se restringe apenas aos seguidores da revista *Uol*, mas a qualquer usuário da rede Instagram.

Em termos de *gêneros do discurso*, observamos que o *reels* acima trata-se de um enunciado multimodal, característico dos gêneros digitais, cujo projeto gráfico integra elementos verbo-visuais, isto é, onde há junção da imagem e material verbal como forma de construção da informação e de sentido (Brait, 2013). Tal tipo de gênero é relativamente recente na plataforma e caracteriza-se principalmente pelo uso de vídeos curtos que funcionam em um sistema de rolagem infinita, característica de outras redes sociais, como o *Tik Tok*.

Quanto a seu conteúdo, observamos a presença de um elemento verbal que diz respeito à leitura do título “Colégio demite professora por ensinar linguagem neutra a alunos”, que está em caixa alta, centralizado e em cores brancas, em contraste com o fundo preto, além da legenda com os detalhes da notícia. Os elementos visuais, por sua vez, referem-se ao vídeo, localizado logo abaixo do título, gravado em sala por um dos alunos, e que permite aos usuários curtir, comentar e compartilhar, fomentando aí o espaço do outro e do ‘eu’ num confronto de dizeres. A presença do vídeo na composição

⁸ Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

desse material, o *reels*, por exemplo, possibilita a emergência de um efeito de ancoragem que reforça a “verdade”, modelo muito usado nesse padrão jornalístico.

Tal formato de disposição das informações visa, sobretudo, apreender a atenção do usuário da rede ou seguidor da página *Uol*, os possíveis destinatários desse gênero (Bakhtin, 2016a, p. 63), que corre a sua *timeline* a partir do algoritmo gerado justamente por posicionamentos ideológicos parecidos, como mecanismo de propulsão desse espaço metadiscursivo. Além da visualização das imagens, há a possibilidade de comentar, fazendo-se de sujeito a partir do momento que toma o dizer para si numa arena de embate de discursos, que expressa, em um processo de interação dialógica, uma “compreensão e resposta [...] [sobre] a concordância ou a discordância”, frutos de uma “percepção avaliativa”, de modo que esse ouvinte representa “um interlocutor vivo e de múltiplas faces” (Volóchinov, 2019a, p. 273). A quantidade de comentários pode, de certo modo, espelhar o caráter dominante desse tipo de discurso que ratifica um certo posicionamento, preconceituoso, que adquire um caráter histórico pregnante como resposta a esse “desvio” do padrão, de resistência da linguagem neutra, não só no aspecto da estrutura, mas também na sistematização de uma sociedade que cultua uma norma linguística, social, econômica, entre outras.

O verbo utilizado pela reportagem, “ensinar”, refrata o posicionamento dessa parcela da sociedade de que a linguagem neutra não é uma forma viva de ensinamento, como qualquer outra regra gramatical, pelo contrário, trata-se de uma forma de resistência e de visibilidade, em especial nas redes, que coloca em discussão todo o preciosismo da língua portuguesa de modo estritamente normativo, e que, de certo modo, fomentam esse idealismo desconsiderando qualquer forma diferente de expressão artística, cultural, por exemplo.

Dizendo de outro modo, o verbo utilizado referencia a velha história social de que o papel do professor é apenas de mostrar e validar o conhecimento de um livro gramatical, de regras que a história da gramática implementou e que jamais serão modificadas. Não importa se realmente existe esse preciosismo, é importante preservar um certo estigma de língua ideal, separatista e, na maioria das vezes, pouco empregado na interação face a face dos sujeitos. Logo, o papel do professor não é de mediador, de recurso para compreender as transformações da língua em contexto histórico e social, mas é de corrigir ou categorizar como “erro” as mudanças e as variações que os próprios sujeitos, imersos

nesse conjunto metadiscursivo de realidades singulares, promovem diariamente à nível da língua.

Para podermos continuar com tais reflexões, transcrevemos a seguir a fala da docente, polemizada por grande parte da população brasileira:

Professora: "Se você fosse uma [pessoa] não-binária [...]. Uma pessoa que é homossexual⁹ e te ofendesse ser chamada de 'todos', porque 'todos' não abrange o teu 'tipo' de gênero, aí [...] você teria que engolir, porque você é minoria, entendeu? [...] Você tem que engolir o 'todos', tô tentando entender da outra ótica porque eu também sou uma pessoa heterossexual, eu tenho que tentar entender da ótica de uma pessoa que não é heterossexual. Então o que acontece, se eu sou uma pessoa que não me encaixo nem no sexo masculino e nem no sexo feminino que é o neutro do português brasileiro. Eu assim como as pessoas com [...]."

Nesse recorte, vemos, primeiramente, o foco da notícia descaracterizando uma prática motivada por uma parcela da população, em especial, das minorias, que utilizam o não-binarismo como forma de expressão e de resistência diante de uma língua de prestígio, cultuada aos moldes de discurso dominante e marcado historicamente. O embate dialógico ocorre nessa forma de enunciar o título e o corpo da notícia, visto que o dizer da professora, para além de “ensinar linguagem neutra”, se preocupa em mostrar as vozes outras, sobretudo dos movimentos sociais, que movimentam a formação da língua e possibilitam uma certa diversidade de dizeres e sentidos. Diante de uma perspectiva dialógica, essa arena discursiva, a escola como espaço de dizer, compõem-se naturalmente pela diversidade. A escola, enquanto papel social, tem como função expandir essa realidade que não se limita apenas ao contexto ideológico de uma parcela da sociedade, mas que mostre como essas transformações e interações têm provocado novas irrupções discursivas que (des)identificam um certo estigma ou valor historicamente constituído.

⁹ Cabe-nos, aqui, apontar um equívoco na fala da professora, ao comparar identidade de gênero e orientação sexual ela confunde as pessoas não-binárias com homossexuais. A não-binaridade refere-se a uma forma de identidade de não se colocar em um determinado gênero biológico, pré-determinado historicamente, enquanto a homossexualidade configura-se como uma forma de orientação sexual, que pode ser heterossexual, bissexual etc. A linguagem neutra é uma forma de linguagem voltada principalmente para a inclusão de pessoas que não se identificam com os gêneros masculinos ou femininos e nas redes têm proporcionado discussões acaloradas sobretudo por grande parte dos brasileiros imersos em desinformação.

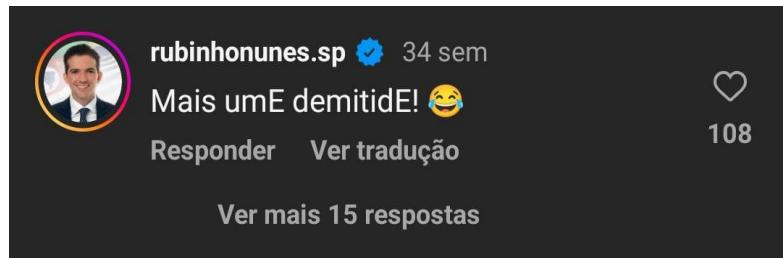
Colocar-se no espaço enunciativo do outro, destacando as características básicas de uma comunidade, não é “ensinar” as regras específicas de sua composição, mas é ressaltar o valor atribuído socialmente a essa forma de expressão que comunica uma certa resistência criada diante do forte binarismo de sentidos gerados entre uma ordem de dominação e de dominado. Observamos que o título subverte a fala da professora, colocada num espaço de (des)construção do estereótipo de força e resistência, para, logo em seguida, dar destaque à linguagem neutra, como se essa consequência da ordem linguística construída fosse toda atrelada a um movimento de “erro” e fora dos “padrões” normativos e sociais, tudo que em um “colégio” despreza ou, minimamente, “apaga” diante da polêmica causada, o que pode consideravelmente manchar seu *status quo* de um centro de formação “correto” e de “prestígio”, assim como uma ordem da língua inalcançável e inatingível.

Ou seja, podemos pensar que imerso em sua construção ideológica conservadora, o produtor, que, de certo modo, reproduz a voz de uma empresa, inverte os sentidos dando destaque ao que procura ressignificar enquanto uma linguagem neutra “errada”. O enunciado, que não é de todo irônico, utiliza desse espaço metadiscursivo, num confronto histórico sobre o tema, permitindo que mais vozes, contrárias ou não, assumam posições determinadas nessa arena, permitindo que se sobrepõe sempre visões de dominação sobre algo que deve ser marginalizado. Grande parte das formas de convocação desse já-dito histórico e de prestígio funciona como uma marca do que é observável da heterogeneidade, que se manifesta no fio do discurso, num jogo interdiscursivo que produz, dependendo da instância enunciativa e dos posicionamentos sócio-históricos, rupturas e deslocamentos, o que fornece não só a dimensão de outros discursos (do preconceito e da ideia de colonialismo), que se entremisturam no interior dessa enunciação, mas também informações sobre o sujeito, sobre aquele que é o responsável pelo enunciado.

Como característica dessa ação heterogênea podemos destacar o discurso indireto livre, em que trata de uma forma de expressão narrativa capaz de combinar tanto o discurso direto e o indireto. O produtor da notícia relata a fala da professora como se adotasse uma perspectiva ideológico contrária, que confronta a visão da docente, reforçando e colocando ali todo o seu caráter opositivo num espaço, que de acordo com velhos estigmas da história, deveria ser apenas do “certo”, em especial da língua.

Dando continuidade, selecionamos, por meio do recurso de captura de tela, um comentário feito por Rubinho Nunes, atual vereador pelo estado de São Paulo, na respectiva postagem. O vereador é membro do União Brasil, partido de centro-direita brasileiro, vejamos:

Figura 2. *Captura de tela*



Fonte:

<https://www.instagram.com/reel/CxvjsoulXt/?igsh=MTd3YzBsY2dhdHVibw%3D%3D>.

Acesso em 24 maio de 2024.

A princípio, urge apontarmos alguns aspectos que uma leitura verbo-visual do enunciado, que pertence ao gênero *comentário*, permite-nos analisar. Vemos a foto de perfil do vereador e o seu nome ao lado, acompanhado do selo de verificação azul, uma forma de validação não só do perfil como algo “verdadeiro”, como também de uma voz de autoridade, já que ele ocupa um cargo público de representação. Ao contrário do discurso verbal, que há traços de subjetividade do “eu” pela língua, no digital, essa formalização se legitima pelo uso da tecnologia, de recursos e ferramentas virtuais que, assim como vemos marcações linguísticas explícitas – eu, tu, ele, por exemplo – conferem, também, a marca do sujeito imerso na interação virtual.

Das conversas face a face, com formas e mudanças de turnos, vemos, nesse momento, um ambiente virtual cada vez mais interativo, que assume a função enunciativa de não só dizer a partir de um ‘eu’, mas também validá-lo estruturalmente, conferindo segurança e valor. Logo, há uma certa distopia criada entre o que é real e o que é discursivo por meio de mecanismos intermediários, capazes de colocarem esse metadiscursivo – estrutura e espaço do dizer – como enunciadores num ato ativo-responsivo da comunicação virtual.

Seu comentário vem logo abaixo do nome do usuário. Ao lado, é possível conferirmos a quantidade de curtidas (chamados de *likes*) que esse dizer possui, sinalizado

pelo ícone de coração, indicando um total de cento e oito curtidas. Por fim, vemos as quantidades de respostas feitas por outros usuários que esse comentário possui, no total quinze. Nesse caminho é que pensamos e problematizamos a dinâmica das redes, com curtidas e comentários capazes de demonstrarem uma forma de engajamento diante da voz do vereador. Ou seja, as curtidas, de maneira estrutural virtual, mostram uma espécie de concordância ideológica de usuários que compartilham da mesma opinião do vereador nessa arena de embates discursivos. Em virtude disso, na relação histórica de determinação, vemos um lugar de julgamento constituído pela ordem da dominação de um povo que acredita apenas nas oposições de “certo” e “errado”, homem e mulher, sem considerar que essa mesma estrutura da língua e, consequentemente do digital, metadiscursiviza o próprio fazer linguístico por meio da variação e da mudança, como formas de resistir a esse imperialismo não só histórico, mas também na ordem da língua.

Ao *parodiar* o estilo de flexão de gênero da linguagem “neutra” (a substituição de artigos como “-o” e “-a” pela vogal “-e”) nos léxicos “umE” e “demitidE”, que seriam as expressões em linguagem neutra para o artigo indefinido “uma” e o adjetivo “demitida”, o enunciador (o vereador Rubinho Nunes) não se utiliza da linguagem “neutra” como forma de inclusão, pelo contrário, ironiza essa forma de expressão por meio de seu próprio recurso de (r)existência¹⁰. Nos termos pensados por Brait (2008), é possível dizermos que esse comentário trata de um enunciado irônico que joga com os contrários, afirmindo sua estrutura, como forma de negação criada pela enunciação.

O usuário/locutor sinaliza essa leitura irônica por meio do uso do recurso visual *emoji* de risada, o que cria ainda a possibilidade de um efeito debochado para os receptores que compartilham do mesmo posicionamento social do produtor-enunciador. Além disso, o uso de caixa alta no “e” ao final do léxico pode ser um indício dessa “dupla leitura”, pois o autor ressalta a flexão em linguagem neutra pela vogal “-e”. Com efeito,

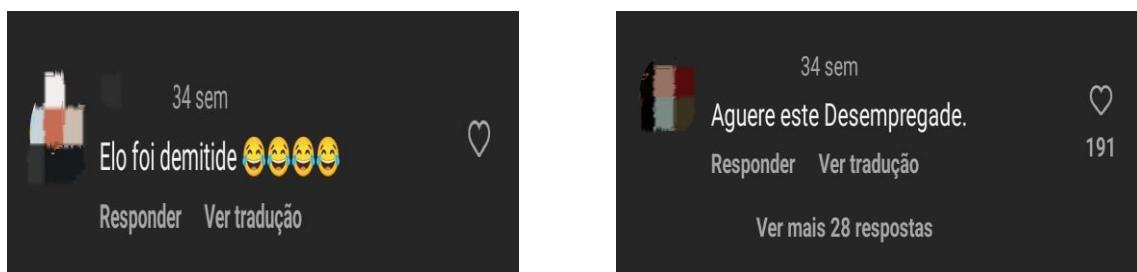
¹⁰ Tal construção irônica vai ser encontrada de forma semelhante também em uma publicação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro na rede X. No dia 2 de agosto de 2022, Bolsonaro publicou um *tweet* que ironizava a oficialização da linguagem neutra na Argentina pelo governo do então presidente Alberto Fernández, de centro-esquerda. Na publicação, o ex-presidente questionava a adoção da linguagem neutra e sua real utilidade na Argentina, afirmando que “a única mudança provocada é que agora há ‘desabastecimento’, ‘pobreza’ e ‘desemprego.’”. Novamente, o ex-presidente, ao flexionar os substantivos “desabastecimento”, “pobreza” e “desemprego”, ironiza o uso da linguagem não-binária, ressaltando, mais uma vez, uma voz conservadora e que desconsidera todo um movimento de resistência. Disponível em: https://x.com/jairbolsonaro/status/1554650786260475906?t=5gUDx_YDplAEY7okTL2Xaw&s=08. Acesso em 25 maio 2024.

da própria estrutura da língua, é possível, nesse espaço de conservação de idealismos, utilizá-la como próprio mecanismo de deboche, o que contempla um jogo interdiscursivo entre o que é o “certo” nessa perspectiva ideológica e o que é o “errado”.

Conforme as reflexões de Brait (2008), podemos descrever e compreender um trio actancial presente nesse enunciado irônico: o locutor (A¹) por trás do enunciado escrito, no caso o vereador Rubinho Nunes, ao se dirigir a um destinatário (A²), que são os diferentes receptores que têm acesso a esse comentário e ao *post*, estabelece um alvo (A³), que no caso analisado refere-se à docente, que discutiu linguagem “neutra” em sala de aula. No entanto, em uma perspectiva *dialógica*, a voz do produtor-enunciador não compete apenas ao seu alvo, a professora, mas a todo um discurso discriminado sobre a inclusão, de (r)existência, assumido por pessoas que se utilizam da linguagem neutra como forma de lutar contra certas amarras históricas e de dominações da sociedade. Nesse caso, resistem a uma língua “ideal”, restringindo-se apenas a um padrão normativo e de prestígio. Por fim, o enunciado irônico do vereador funciona ainda como uma forma de um discurso reportado, uma dupla enunciação, na medida em que faz uma referência por citação direta à enunciação da educadora demitida, responsável por instaurar, assim, a polêmica.

Por conseguinte, na mesma postagem do *Instagram*, feita pela revista Uol, observamos os seguintes comentários, ironizando o fato ocorrido na cidade catarinense, vejamos:

Figura 3 e 4. Captura de tela



Fonte:

<https://www.instagram.com/reel/CxvjysoulXt/?igsh=MTd3YzBsY2dhdHVibw%3D%3D>.

Acesso em 24 maio 2024.

Nas duas figuras, os usuários trocam as vogais “-a” e “-o” pela vogal “-e”, parodiando o estilo de flexão de gênero muito problematizado na linguagem neutra,

rechaçando-a. Na figura à esquerda, o procedimento irônico é sinalizado pelo enunciador também por meio de *emojis*, uma nova forma e instrumento digital capaz de assegurar uma certa mediação entre locutor e interlocutor a partir dos sentidos já estigmatizados. Tal emprego é regular se compararmos com o enunciado do vereador Rubinho Nunes, por exemplo. Já na figura à direita, o produtor leva esse procedimento irônico ao extremo quando flexiona o advérbio “-agora” e o verbo “estar”, conjugado na terceira pessoa do singular (“está”) em linguagem neutra, o que não é algo presente seja nas gramáticas tradicionais do português brasileiro ou mesmo nos manuais de linguagem neutra, uma vez que: 1) os advérbios não são flexionados; 2) os verbos não flexionam em gênero e; 3) a linguagem neutra somente diz respeito a substantivos, adjetivos, pronomes etc., que refiram-se a *pessoas*.

Esse movimento da língua com a estruturação da enunciação mobiliza, novamente, algo que é regular em casos de deboche como esse, visto que se utilizando da própria metalinguagem de (re)existência, o sujeito produtor simula a imagem de crítico da língua porque, ao seu ponto de vista, tudo seria colocado na “neutralidade”, ressaltando a dificuldade de comunicação, ironizando não só a estrutura a qual se mostra, mas também (im)pondo esse olhar dominante, que acolhe a ideia de que quando falamos de língua portuguesa, no Brasil, há apenas o binômio “certo” e “errado”, adequado a uma parcela que segue as normas gramaticais e se adequam a um modo de “prestígio”. A língua “ideal” se impõe de acordo com as regras normativas e desqualifica àqueles que, por ora, não se utilizam desse posicionamento dominante impregnado e cristalizado pela história.

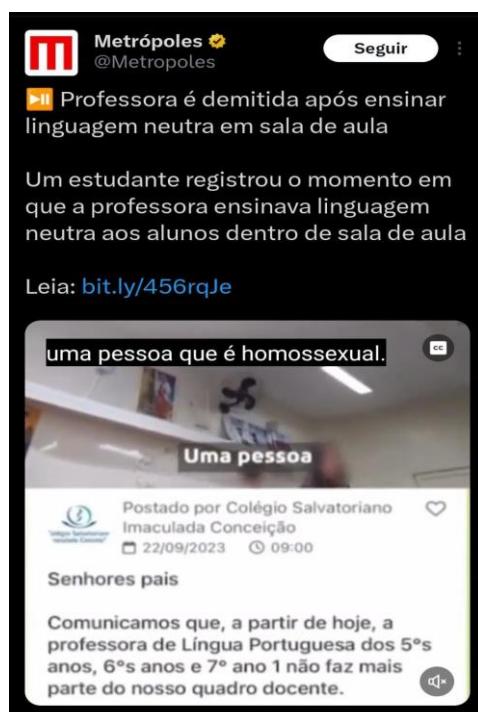
Esses dois enunciados instauram a polêmica com o enunciado da professora, negando-o. Comparando-os com o enunciado do vereador, é possível estabelecermos *relações dialógicas* de sentido (Bakhtin, 2016b) existentes entre eles, na medida em que ambos recorrem ao recurso da paródia e da ironia como forma de ataque ao uso da linguagem neutra. Como expresso anteriormente, observamos, então, como essa forma de linguagem é colocada entre pelo menos dois discursos que assumem distintos valores: o discurso da docente, que procura entender a causa por trás do uso da linguagem neutra, e o discurso daqueles que a rechaçam veementemente por não se enquadrar em um padrão normativo, culto, historicamente constituído.

Sobre isso, Volóchinov (2019b, p. 316) afirma que as palavras que usamos sempre carregam um determinado juízo, um determinado ponto de vista, que se relacionam não

propriamente à palavra, mas à realidade expressa por ela. Dessa forma, “[...] *uma mesma palavra*, quando dita por pessoas de diferentes classes, refletirá também diferentes olhares, expressará diferentes pontos de vista, mostrando diferentes relações com a mesma realidade, com o mesmo fragmento da existência, que é o tema dessa palavra.” (Volóchinov, 2019b, p. 316, grifos do autor). Ao ironizarem a forma de flexão da linguagem neutra, esses usuários negam aquilo que ela representa: um movimento de opacidade e de resistência atribuídos aos deslocamentos de sentidos e, consequentemente, ressignificações em torno da relação gênero e língua.

Já na rede social X, selecionamos um *tweet* do jornal Metrópoles, que trata, na sua composição e regularidade verbo-visual, da mesma temática. O jornal Metrópoles, em semelhança com o portal de notícias Uol, caracteriza-se por ser um jornal voltado exclusivamente para o digital, com ampla presença nas redes sociais¹¹:

Figura 5. Captura de tela



Fonte: <https://x.com/Metropoles/status/1707079842267627772>. Acesso em 26 maio 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/quem-somos>. Acesso em 26 maio 2024.

Nessa postagem, a verbo-visualidade se faz presente também pelo uso do texto escrito, em formato de postagem (*tweet*), combinado a elementos visuais, como o vídeo, a foto de perfil do jornal e seu selo de verificação¹². Todavia, esse *post* é diferente no seu projeto gráfico em relação ao *reels* da revista Uol, no *Instagram*, a partir de uma particularidade: o vídeo é recortado ao meio por outro texto escrito, o comunicado do colégio anunciando a demissão da professora, feito, provavelmente, em outra rede social.

O material se configura pela junção de vários elementos estruturais, como a forma de construir uma certa imagem social pré-determinada, interferindo no modo como a notícia e, as informações que serão recebidas pelos usuários dessa rede. A tríade verbo-visual – o vídeo, o texto escrito do *tweet* e o comunicado superposto – reforçam o poder de persuasão que essas ferramentas digitais detêm diante dos movimentos da *internet*. Mais uma vez, ao marcar que a docente “ensina” linguagem neutra, o jornal enquadra a sua fala como “doutrinárias”, como se ela impusesse aos seus alunos o uso dessa forma estrutural de resistência, quando, na verdade, apenas a apresenta, como observamos.

Nos comentários e *retweets* dessa publicação do jornal Metrópoles, encontramos também os seguintes enunciados:

¹² Após a compra do Twitter, ao final de 2022, pelo empresário Elon Musk, vimos diversas mudanças na estrutura da rede. Uma das principais foi relacionada ao chamado selo de verificação, anteriormente concedido a pessoas públicas que possuíam muitos seguidores, conferindo credibilidade ao perfil de usuário. Após a alteração feita por Musk, o selo de verificação passou a ser atribuído mediante pagamento do chamado *Twitter Blue*, possibilitando que qualquer usuário da rede possa ter o selo de verificação. Tal mudança gerou inúmeros problemas, visto que contas falsas começaram a utilizar o selo, se passando por outras pessoas, figuras públicas ou órgãos oficiais. Diante disso, a solução encontrada pela empresa foi a criação de outros dois tipos de selo de verificação: o selo de verificação dourado, utilizado por empresas e o selo de verificação cinza, utilizado por órgãos governamentais ou veículos jornalísticos. No recorte acima, percebemos que o jornal Metrópoles possui justamente o selo de verificação dourado. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/07/02/o-que-mudou-no-twitter-desde-que-elon-musk-comprou-a-empresa.ghtml>. Acesso em 13 jul. 2024.

Figura 6, 7 e 8. Captura de tela



Fonte: <https://x.com/flisls/status/1707083826319573083> e <https://x.com/propriamineira/status/1707093739133411634>. Acesso em 26 maio 2024.



Por meio de uma citação direta, que é possível a partir do projeto gráfico da rede X, os dois primeiros enunciados se caracterizam por utilizarem também do recurso da ironia, como forma de polêmica em relação ao enunciado da docente demitida. O jogo enunciativo é promovido pela predisposição anterior ao binômio “certo” e “errado”, instaurado e estigmatizado pela própria história de dominação sobre a língua em nosso país. Ambos os enunciados se constroem gramaticalmente a partir de duas locuções interjetivas que exprimem tristeza ou descontentamento: “que pena!” e “que tristeza”.

Todavia, se pensarmos a ironia como “um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer” (Brait, 2008, p. 140), depreende-se que os enunciados acima

promovem um conflito entre o que é dito e o que está pressuposto na enunciação, visto que os enunciadores não expressam na verdade um descontentamento com a demissão da professora, mas justamente o oposto: eles comemoram essa mesma demissão. Temos, com isso, dois exemplos de enunciados que jogam com a inversão irônica e a dupla leitura para transmitirem suas mensagens. Assim como nos outros enunciados, essa leitura irônica é sinalizada por ambos os enunciadores por meio do recurso visual de *emojis* de comemoração e de serpentina, que “quebram” ou contrariam o sentido veiculado pelo enunciado verbal. Dessa forma, os enunciatários que tiverem acesso a esse comentário, usuários da rede, são “advertidos” de que se trata de um enunciado irônico, que instaura um alvo, no caso, a professora.

Dessa forma, a ironia, assim como outros modos de referenciação, trazem, para estas instâncias do dizer, não só uma reafirmação de lugares de poder na sociedade brasileira, remontando à ideia de colonização que ainda é pregnante em nossa sociedade, mas também no seu conjunto verbo-visual, como responsáveis por desestruturar todo um movimento de dominação entre o caráter linguístico taxado de prestígio de uma sociedade. O riso derrisório promovido pela própria utilização da linguagem neutra coloca, de fato, em evidência o desconhecimento sobre as transformações da sociedade que refletem e refratam diretamente nos modos de comunicação e, como resultado na língua.

Já na terceira imagem, em que há três comentários feitos por usuários diferentes, observamos, também, três sujeitos com seus distintos posicionamentos ideológicos valorativos: o primeiro retoma novamente o recurso irônico ao apontar que a própria reportagem estaria errada ao não usar a expressão em linguagem neutra “demitide”, em referência à professora que foi demitida; o segundo apoia a demissão da docente por meio dos léxicos “perfeito” e “demissão mais que merecida”, indicando ser contra o uso da linguagem neutra; por fim, o último usuário demonstra um posicionamento favorável à linguagem neutra ao caracterizar a ação da professora como um gesto de “empatia”, de compreensão do lugar do outro, que é negado, pois os sujeitos preferem “lutar contra as outras”. Vemos aqui a diversidade de acentuações e valorações que se entrecruzam em torno da linguagem neutra, entre posições contrárias e favoráveis. Concebendo a noção de signo a partir de seu caráter axiológico, Volóchinov (2017; 2019b) define que todo signo é ideológico por natureza, uma vez que ele sempre suscita um valor e uma avaliação

socialmente fixadas e que é por meio desses signos (e dos enunciados formados por eles) que nos comunicamos efetivamente.

Finalmente, selecionamos a seguir uma outra postagem na rede X:

Figura 9. Captura de tela



Fonte: <https://x.com/peppipets/status/1611074539886108678> e <https://x.com/juzefritz/status/1611119256829317122>. Acesso: 26 maio 2024.

O primeiro enunciador inicia seu *tweet* a partir de uma citação direta, aspeada, que faz a marcação¹³ de um discurso a favor da linguagem neutra, isto é, um discurso inclusivo. Em seguida, o enunciador opõe esse discurso marcado ao seu enunciado, que nega o uso da linguagem neutra. Em resposta a esse comentário, vemos outro enunciador-produtor afirmar o seguinte: “Eu não estudo pra concurso pra terminar o dia falando ‘todos’”. Nesse dizer, o usuário novamente faz uso das aspas para marcar “todes”,

¹³ Dando continuidade a uma abordagem discursiva/enunciativa da ironia, as discussões feitas por Authier-Revuz (2004) sobre a heterogeneidades no discurso são bastante proveitosas. As aspas, como destaca a autora, são uma forma de *heterogeneidade manifestada* no discurso, um tipo de conotação autonímica, em que o sujeito inscreve no seu próprio fio do discurso um “estatuto outro” (Authier-Revuz, 2004, p. 13), fazendo ao mesmo tempo uso e menção das palavras aspeadas. Dessa forma, elas representam um “corpo estranho”, são postas à distância no nível do enunciado, pertencendo a outra instância de enunciação/discurso (Authier-Revuz, 2004, p. 218). Assim, no *post* acima, é possível observar essa conceitualização das aspas na medida em que o autor se utiliza delas para marcar um discurso “fora de seu lugar” (Authier-Revuz, 2004, p. 221), que é negado ao ser posto em contraste com o discurso do próprio produtor-enunciador.

sinalizando uma palavra advinda de outro discurso, a voz do outro mostrada no discurso do ‘eu’. Em seguida, essa primeira sentença, que se posiciona contra a linguagem neutra, é posta em negação no enunciado seguinte, iniciado pelo conectivo “mas”, que estabelece uma relação de contraste/oposição na oração, além de introduzir a ideia principal. Nele, o usuário “incentiva” o uso do “todes” pelos seus concorrentes na escrita da redação de um determinado concurso.

Considerando que em processos seletivos seja de vestibulares ou concursos, por exemplo, o uso da norma padrão do português é critério de avaliação, está instaurado aqui o procedimento irônico: o enunciador-produtor deseja que seus concorrentes usem linguagem neutra não porque é a favor do seu uso, como forma de ressaltar as vozes de resistência já enunciadas nessa arena discursiva, mas porque deseja que eles sejam desclassificados do processo seletivo. Essa leitura irônica reside no fato de que como a linguagem neutra não figura entre o que é culto, seu uso nos espaços em que ela é exigida pode ser considerado como “erro”, levando a desclassificação ou a perda de pontuação.

A partir dos exemplos usados no *corpus*, observamos que os comentários que se posicionam contrariamente ao uso da linguagem neutra recorrem, em muitos casos, a uma inversão por simulacro, ou por meio de uma inversão irônica. A inversão irônica, presente nas figuras 6, 7 e 8, é mobilizada como uma forma de argumento que manifesta o posicionamento de uma instância enunciativa, que é contra a linguagem neutra e seu uso.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos a linguagem neutra e suas diferentes acepções no ambiente digital, especificamente nas redes sociais *X* e *Instagram*. Observamos como nesses espaços aqueles que se posicionam contrariamente ao uso da linguagem neutra e, principalmente, ao que ela representa (a ressignificação na/pela linguagem de certas estruturas binárias autoritárias, como masculino/feminino) recorrem ao uso da ironia como forma de ridicularizá-la.

Os usuários se apoiam ainda em um simulacro no qual as formas de flexão próprias da linguagem não-binárias são mobilizadas não como um símbolo de resistência, mas como um ataque, um deboche à comunidade que realmente a emprega. Assim, por meio das reflexões promovidas por Brait (2008) sobre a ironia, percebemos como a

análise da linguagem neutra no meio digital possibilita o deslindamento de certos valores sociais e culturais que, no nosso estudo, estão relacionados à imposição de uma gramática normativa sobre os falantes ou, ainda, às percepções socialmente cristalizadas sobre o gênero, que excluem a essa forma de expressão da linguagem neutra.

Nesse sentido, a Análise Dialógica do Discurso possibilitou a compreensão dos (efeitos de) sentidos que são mobilizados e retomados constantemente nos enunciados sobre a linguagem neutra em diferentes mídias digitais. Logo, observamos uma arena de vozes e ênfases sociais multidirecionadas (Volóchinov, 2017, p.140), que concebem elementos como língua e gênero de formas distintas e polêmicas entre si. Tal análise vai de encontro com uma concepção de discurso enquanto “lugar de manifestações de tensões e dos conflitos originários do exterior da linguagem, de ordem socioideológica” (Brait, 2008, p. 141).

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Apres. Marlene Teixeira. Revisão de trad. Leci B. Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini e outros. 3.ed. Editora Unesp: Hucitec, 1993. p. 71-210.
- BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 207-310.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-107.
- BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 11-107.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2006a. p.9-31.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, n. 20, p.47-62, 1. sem. 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 8 jul. 2024.

BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43–66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 61-78.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. Revista da ABRALIN, v. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em 12 mar. 2025.

FREITAG, R. *Não existe linguagem neutra!*: gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2024.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: MIOTELLO, V. (org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro e João editores, 2012. p. 19–39.

GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2^a ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato: como dar um passo. In: BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

VOLÓCHINOV. V. N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed. Tradução, ensaio introdutório, glossário e notas Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 306-336.